



Consuela Monte

MÓNICA BENÍTEZ

URSULA MONTE
MÓNICA BENÍTEZ

COPYRIGHT © 2025 MÓNICA BENÍTEZ
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

Todos os direitos reservados. Nenhuma seção deste material pode ser reproduzida de qualquer forma ou por qualquer meio sem a permissão expressa de seus autores. Isso inclui, mas não se limita a reimpressões, trechos, fotocópias, gravações ou qualquer outro meio de reprodução, incluindo mídia eletrônica.

Todos os personagens, situações entre eles e eventos que aparecem no livro são totalmente fictícios. Qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, ou eventos é mera coincidência.

Safe creative: 2412110341184

<https://monicabenitez.es>

Twitter: @monicabntz

ÍNDICE

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Epílogo](#)

CAPÍTULO 1

Mildred

O celular vibra no bolso traseiro da minha calça enquanto dobro camisetas, calças e uma pilha de roupas que as clientes provam e descartam até encontrar o que gostam. A ideia de que possa ser minha mãe para me dar uma má notícia começa a percorrer meu corpo até conseguir se instalar na minha mente medrosa e me faz largar tudo o que estou fazendo.

— Vou ao banheiro — me desculpo com minha colega.

Olga assente sem levantar os olhos e continua dobrando roupas enquanto seu corpo se move por inércia ao ritmo da música ensurdecadora e extremamente alta que toca pelos alto-falantes durante todo o maldito dia.

Me tranco no banheiro e o som perde força ao mesmo tempo que meus ouvidos e minha mente sentem certo alívio. Tiro o celular do bolso e ao abri-lo descubro que é uma mensagem do meu amigo Ruben; um colega de escola que reencontrei há vários meses e com quem retomei a amizade que perdemos quando nossas vidas tomaram caminhos diferentes.

— Ainda está procurando trabalho? — leio assim que abro o chat.

O coração dispara e respondo rapidamente como se alguém fosse me tirar a oportunidade que se apresenta.

— Sim, por quê? Tem alguma coisa? Me diz que sim, por favor.

Ruben é o gerente de uma empresa de serviços de motoristas para empresários, políticos, gente rica ou qualquer tipo de evento para o qual o

contratem. Diz que uma vez levou Johnny Depp em uma de suas limousines, embora eu ache que só disse isso para me impressionar.

— Passa aqui no escritório quando sair da loja, estarei aqui até as nove.

— Estarei lá — respondo e guardo o telefone novamente.

Suspiro para acalmar os nervos que sua mensagem me causou enquanto rezo para que o que me ofereça seja suficiente para melhorar minha situação atual, coisa que também não seria muito difícil dadas as circunstâncias.

Às oito e meia saio correndo para o estacionamento, subo no carro e atravesso a cidade até chegar ao distrito industrial onde Ruben tem sua empresa. Estaciono ao lado de duas Mercedes impecavelmente limpas com os vidros traseiros escurecidos e entro pela porta principal. Uma moça jovem maquiada demais para o meu gosto me recebe ao mesmo tempo que pega sua bolsa.

— Mildred Blanco? — pergunta, e por algum motivo absurdo me sinto importante.

— O senhor Vidal a espera em seu escritório. Quer que eu a acompanhe?

A jovem me faz a pergunta sem poder esconder sua pressa de ir embora, e compreendo tão bem essa vontade que ela tem de sair do seu posto e respirar ar puro, que sorrio e nego com a cabeça.

— Não será necessário. Acho que saberei chegar, não se preocupe.

A moça sorri amplamente e me indica os elevadores.

— Terceiro andar no final do corredor. Não tem erro. Tenha uma boa noite.

— Igualmente, obrigada.

Um minuto depois as portas se abrem e apareço no corredor, unicamente decorado por duas discretas luminárias que iluminam o

suficiente para ver o chão.

— Na minha opinião, você poderia investir uma parte da sua fortuna em umas lâmpadas mais potentes — digo ao encontrar a porta do escritório de Ruben aberta.

Meu amigo levanta os olhos do bloco de notas onde anotou algo e me sorri divertido.

— Vou anotar — diz, e indica a cadeira à sua frente para que eu me sente.

— Obrigada por pensar em mim, Ruben — agradeço um pouco nervosa.

— Não me agradeça ainda, talvez não te interesse.

— Você trabalha contratando motoristas e eu adoro dirigir, duvido que não me interesse.

Ruben levanta uma sobrancelha e passa a mão pelo seu cabelo moreno e encaracolado até terminar coçando a orelha.

— O que tenho não é qualquer coisa, Mildred, é uma daquelas ofertas em que se você fizer bem, pode ter trabalho indefinido.

— Prometo que serei a melhor — digo e me amaldiçoo ao perceber o quanto estou desesperada.

— Eu sei, por isso pensei em você, no entanto, os horários são bastante exigentes e não sei se estará disposta.

Um nó começa a retorcer minhas entranhas até subir à minha garganta para me sufocar. Por que nada pode dar certo para mim?

— Que tipo de horários?

— Você deve estar disponível das nove da manhã às nove da noite de segunda a sábado.

Ruben me olha e mantenho um olhar franzido enquanto avalio.

— Não é tão diferente do meu horário atual, Ruben. Entro às nove, saio duas horas para almoçar e depois volto até as oito, alguns dias até mais tarde, e imagino que neste caso o salário compensa o sacrifício, caso contrário você não teria me chamado.

— Claro que compensa, pense no que você ganha agora e multiplique por cinco — diz, e meu queixo quase toca meus joelhos —, sem falar que se ela ficar satisfeita com você é um trabalho que pode durar anos, não estamos falando de serviços pontuais.

— Está falando sério?

— Sim, mas não terminei de te dizer as condições. Esse será seu horário habitual, com um fim de semana livre por mês que você poderá escolher desde que avise com tempo suficiente para que possamos encontrar alguém que te substitua caso seja necessário. Por outro lado — diz tão rápido que tenho que me concentrar para não perder nenhum detalhe —, você deve manter o celular sempre ligado caso nossa cliente tenha uma emergência e precise de seus serviços fora do horário. Obviamente, essas horas serão pagas como extra.

— Entendo — digo pensativa, sem poder imaginar a que tipo de emergência ele pode estar se referindo.

— Se aceitar, terá que assinar um contrato de confidencialidade no qual, entre muitas outras coisas, se compromete a não comentar com ninguém nada do que vir ou ouvir enquanto estiver com ela. Nem preciso dizer que será proibido gravar vídeos ou tirar fotos.

— Ver, ouvir e calar. Isso eu sei fazer muito bem — digo e Ruben desenha uma expressão de desconforto em seu rosto —. Desculpe, não devia ter dito isso.

— Tudo bem, Mili, é que ainda estou processando tudo o que você me explicou.

O silêncio começa a percorrer as paredes da sala fazendo com que o ar se torne tão denso que tenho dificuldade para respirar.

— Bem — diz Ruben ao ver minha cara de angústia —. A oferta te interessa?

— Sim, claro. Claro que sim.

— Perfeito, nesse caso se despeça do seu trabalho, você começa em uma semana.

— Tudo bem, quem terei a honra de transportar?

CAPÍTULO 2

Mildred

Os lábios de Ruben se esticam até formar um sorriso torto que me intriga.

— Está bem sentada? — pergunta aumentando a tensão de propósito.

— Para com essa bobagem, Ruben, e me diz logo quem é.

— Tudo bem — sorri aproveitando minha cara de expectativa pela última vez—. O serviço é para Ursula Monte. Sabe quem é?

— A herdeira da White Electronic? — pergunto atônita, me agarrando à cadeira como se temesse cair.

— Essa mesma, aquela mulher, além de atraente, é uma fortuna ambulante — acrescenta Ruben.

— E você está me dando o trabalho?

Não consigo esconder minha perplexidade diante da notícia, uma coisa é ser motorista para uma mulher rica e outra é fazer isso para alguém que não conseguiria gastar tudo o que tem nem se vivesse cem vidas.

— Não acho que vou estar à altura, Ruben — duvido mostrando toda minha insegurança.

— Você só precisa dirigir, ser pontual, não comentar nada do que vir ou ouvir e também não incomodar a mulher. Não vejo por que você não pode fazer isso.

— Bom, eu consigo pensar em um monte de razões — digo, e levanto minha mão direita pronta para enumerá-las—. Ela é uma mulher com estilo

e olha só pra mim.

Ruben me olha e seu sorriso volta a ocupar grande parte de seu rosto. Ele passa a mão no cabelo de novo para terminar coçando a orelha e apoia os dois cotovelos em sua mesa impecável.

— Você é tão capaz quanto qualquer um. E pelo uniforme não se preocupe, todos os nossos motoristas usam terno e você não vai ser exceção, então pode esquecer esse assunto.

— Vou ficar nervosa, Ruben, como é que se cumprimenta uma mulher assim?

Desta vez meu amigo explode numa gargalhada sonora que quase o faz tombar da cadeira acolchoada.

— Ela é de carne e osso como eu e você, caramba — diz, e ri de novo enquanto eu o olho torcendo a boca—. Pode ser que os peidos dela cheirem a caviar mais caro, mas te garanto que ela também solta.

Desta vez não aguento e deixo sair meu nervosismo através de algumas risadas que conseguem me relaxar um pouco.

— Sério, Mildred, você vai se sair bem — acrescenta depois de recuperar a compostura—. Além disso, a assistente pessoal dela especificou que a motorista tinha que ser mulher, e não é como se eu tivesse muitas na carteira, sinceramente.

— Por que ela pediu uma mulher? — pergunto intrigada.

— E eu que sei — Ruben dá de ombros—, talvez seja porque ela é uma das solteiras mais cobiçadas. Elegante, jovem e podre de rica, todos querem ela. Com certeza fica mais confortável se não se sentir observada pelo motorista o tempo todo. De qualquer forma, a decisão é sua, Mildred, mas infelizmente não posso te dar tempo pra decidir. Preciso de uma resposta agora porque não tenho muito tempo pra apresentar uma candidata.

— Não preciso pensar, já te disse que vou fazer, é só que me impressiona um pouco. Sempre nas revistas, participando de todos esses eventos e rodeada de gente famosa. É avassalador.

— Você não precisa fazer nada além de dirigir e esperar dentro do carro se necessário, não se preocupe.

Quando saio do prédio uma rajada de vento me atinge com violência fazendo com que eu quase caia no chão. Me apoio no vidro da porta para me equilibrar, coloco o cabelo atrás das orelhas numa tentativa inútil de mantê-lo controlado e me dirijo ao meu carro, ainda sem acreditar que finalmente consegui um emprego que vai me permitir endireitar minha vida, lutar pelo que quero e parar de me sentir inútil, e se pra isso preciso ser motorista de uma mulher que tem a vida resolvida e que provavelmente está cheia de excentricidade, soberba e sentimento de superioridade, vou fazer com prazer. Se alguma vez ela fizer ou disser algo que me ofenda, vou lembrar dos peidos de caviar dela e com certeza vai passar.

CAPÍTULO 3

Ursula Monte

— Às vezes eu queria que você não fosse você e eu não fosse eu — diz Maria, minha amiga, minha assistente pessoal e minha amante ocasional.

— O que você quer dizer? — pergunto confusa.

Maria se levanta da minha cama exibindo seu corpo nu e vai até a poltrona de canto, onde deixou sua bolsa na noite anterior. Procura com a pressa de quem precisa fumar e quando finalmente encontra o maço de cigarros e o isqueiro, vira-se para mim, dedica o mesmo sorriso que uma criança daria antes de fazer uma travessura e abre a enorme janela para sair na varanda.

Estou prestes a dizer que, embora já estejamos em plena primavera, às sete da manhã ainda faz frio, mas guardo isso para mim porque sei que ela vai ignorar meu conselho e sair nua de qualquer jeito. Levanto da cama e visto a camisa que usava ontem para segui-la, intrigada com seu comentário.

O sol brilha forte, mas ainda não o suficiente para aquecer as lajotas do chão e lamento não ter calçado chinelos para proteger meus pés descalços. Maria está no outro extremo da varanda, com os braços apoiados sobre o muro enquanto seu olhar se perde pela extensão da propriedade onde moro. Chego até ela e adoto a mesma posição, me permitindo alguns segundos para contemplar o enorme e impressionante pinheiro que dá sombra em um

dos lados do jardim principal ou o lago que meu pai mandou construir para nossa tartaruga Piadora, que vejo caminhar com seu pescoço longo erguido sobre as pedras decorativas ao redor do lago com a elegância de uma deusa.

— Ainda não entendo por que essa fera continua aqui, se ao menos ficasse feliz em ver você quando vem... Você sabia que algumas espécies vivem mais de cem anos? Quantos ela tem?

— Acho que uns vinte, e não fale mal da Piadora, ela é fiel como um cachorro e sabe ouvir como ninguém.

— Espero que você não conte a ninguém que fala mais com uma tartaruga do que com sua amiga.

— Por que você disse aquilo no quarto? — pergunto a Maria, que continua saboreando seu cigarro como um dos maiores prazeres da vida.

Sopra a fumaça e ri ao mesmo tempo que me oferece o cigarro. Aceito e dou duas tragadas que me sabem horríveis, mas que me acordam de repente.

— Não sei, às vezes me pergunto como seria minha vida se eu não tivesse casado com Marcos e você não fosse a viúva daquele desgraçado filho da puta.

Rio e ela se contagia e me dá uma leve batida de quadril.

— Sério que você está repensando sua vida agora? — pergunto semicerrado os olhos para evitar que o sol me cegue.

— Não. Você sabe que eu amo o Marcos e que não trocaria minha vida com ele por nada. É só que às vezes me pergunto o que teria acontecido se você e eu tivéssemos nos conhecido em outras circunstâncias.

— E o que você acha que teria acontecido? — pergunto provocante.

— Não sei — diz, e vira-se para mim ao mesmo tempo que chupa dois de seus dedos e sua mão desliza entre minhas pernas.

Separo-as contendo a respiração e deixo que separe meus lábios e me penetre com a destreza de quem me toca há muito tempo.

— Tenho certeza que nos odiaríamos mortalmente e que como casal não teríamos durado mais de um mês, talvez menos — garante sussurrando.

Curva os dedos dentro de mim e coloca o polegar sobre meu clitóris exercendo a pressão que preciso para começar a me molhar e desejar que continue. Sem me importar que alguém do serviço possa aparecer pelo jardim, me posiciono de costas para o muro, apoio os cotovelos e abro mais as pernas.

— Adoro quando você se oferece desse jeito — diz, e abre minha camisa bruscamente fazendo todos os botões saltarem.

Meus seios ficam expostos e os olhos agradecidos por ainda se manterem no lugar depois de quarenta e três anos. Maria joga seu cigarro consumido no chão e passa sua mão pelas minhas costas para se certificar que não vou escapar.

— Concordo, você e eu não duraríamos nada — secundo, e suspiro e gemo quando dobra a velocidade de seus movimentos e começa a me foder sem nenhum tipo de delicadeza.

Meus gemidos se camuflam entre o canto das dezenas de pássaros que voam pela propriedade até que sufoco um último grito que me deixa completamente relaxada.

— Então você concorda — diz quando sai de mim.

Maria desliza seus dedos encharcados pelos meus fluidos sobre meu ventre e sobe até colocá-los em minha boca, depois se ajoelha e me olha sorrindo.

— Hoje acordei faminta — acrescenta, e varre meu sexo com a língua exercendo uma pressão sublime.

Todos os meus músculos se tensionam, ainda estou sensível demais e seu toque despertou novamente essa necessidade de arder sob o toque úmido e quente de sua língua. Sem dizer nada, dedico-lhe um olhar ofegante e uso as duas mãos para afundar sua cabeça entre minhas pernas para que chupe e sugue até me deixar com o corpo tremendo.

— Muito melhor agora — sorri quando gozo novamente.

Maria recolhe a bituca que jogou antes e me dá a mão para voltarmos juntas para dentro, direto para o banheiro.

— Por que você acha que não duraríamos nada? — pergunta como se não tivesse acabado de me foder duas vezes e minha mente estivesse clara.

— Você tem temperamento demais — digo abrindo a torneira do chuveiro.

— E você é uma mandona que não cede nunca — acrescenta divertida.

— Exato, por isso mesmo, você e eu só podemos ser amantes.

— Ocasionais — ressalta me apontando com o dedo.

Maria ri e me empurra para o lado para colocar a cabeça debaixo do jato.

— O que temos para hoje? — pergunto, e automaticamente passamos de amantes para chefe e funcionária.

— Às nove e meia você tem uma reunião para terminar de decidir todos os detalhes da feira beneficente da próxima semana — começa a recitar como um robô—. Já preparei o relatório com todos os pontos a tratar. Ao meio-dia temos encontro com a incorporadora para ver os novos apartamentos que você quer adquirir para a associação de mulheres maltratadas e às duas e meia você tem almoço com Ramón Hidalgo.

— Ah, é? — pergunto franzindo os olhos, e Maria me olha com seu sorriso diabólico.

— Sim, já sei que você não o suporta, mas sabe que aquele mão de vaca não vai soltar a grana se você não der uma de suas conversas e o convencer do quanto é importante para a imagem da empresa dele colaborar com doações para melhorar a vida das pessoas com poucos recursos.

— Sei — suspiro resignada.

— Se serve de consolo, isso é tudo por hoje.

— Claro, me tranquiliza muito que almoçar com aquele porco babão seja minha última tarefa do dia — ironizo saindo do chuveiro.

— Bem, vou para casa trocar de roupa e pegar algumas coisas. Nos vemos no escritório.

Maria termina de se vestir, pega sua bolsa e aquele tablet do qual nunca se separa e dá uma olhada no quarto para ver se esqueceu algo.

— Relaxa, se eu encontrar sua calcinha levo para o escritório.

— Você é muito gentil — ri, e arqueia uma sobrancelha que revela seus pensamentos pervertidos.

— Vai embora e não chegue atrasada, quero você comigo na reunião.

— Relaxa, o único que pode me atrasar é o Marcos e ele só volta da viagem à tarde. Ah — diz antes de sair pela porta—, hoje começa a motorista nova, não seja muito dura com ela.

— Vou me comportar — respondo sem muita convicção.

— Com certeza...

Maria cruza a porta e no último momento se vira.

— Ei, quem deu o nome para a tartaruga?

— Eu, por quê? — pergunto desconcertada.

— Porque é uma sorte que você tenha decidido não ter filhos.

Quando Maria vai embora me sento na cama e o silêncio da casa me envolve e cai sobre mim como uma laje. A sensação de solidão volta a

invadir meu corpo, criando uma sensação de angústia que não suporto e esse sentimento de autopiedade que me envergonha.

Desço para a cozinha e olho o relógio, Isabel, a empregada que vem todos os dias, chegará em vinte minutos e me consolo pensando que não estarei sozinha enquanto espero que a motorista traga o carro para me buscar. Enquanto isso, saio para o jardim da frente e vou até o lago para sentar com Piadora, que depois de tantos anos continua me olhando como se eu fosse mais um objeto da decoração.

CAPÍTULO 4

Mildred

São oito da manhã e estou no estacionamento subterrâneo da empresa do Ruben, vestida com meu terno ajustado, o cabelo preso em um rabo perfeito e consumida pelo nervosismo enquanto espero que ele me entregue o carro que dirigirei para Ursula Monte. Bufo enquanto observo a grande quantidade de veículos de luxo estacionados e me pergunto quanto vale tudo que está aqui quando as luzes de um carro me cegam e me fazem desviar.

Décimos de segundos depois, para na minha frente uma Mercedes cinza escura com os vidros traseiros opacos que se parece muito com os que vi no dia da entrevista. Ruben desce dele e me mostra as chaves com um sorriso.

— Não sei por quê, mas esperava uma limusine — digo tão sincera que Ruben cai na risada.

— Ursula Monte não gosta de chamar atenção.

— Difícil acreditar nisso — reconheço tirando as chaves da mão dele.

— Nem mesmo se eu te disser que o carro particular dela é um Opel Corsa branco?

— Sério? — pergunto com os olhos arregalados.

— Não — ri Ruben —, não sei que carro ela tem. Agora vai ou você vai chegar atrasada.

Meu amigo e agora chefe abre a porta como um cavalheiro e me sento no banco, que parece absorver a forma do meu corpo e se ajustar a ele como se fosse um terno.

— Que confortável! — exclamo enquanto ajusto à minha medida e posiciono os espelhos retrovisores.

— Aperte este botão quando Ursula pedir privacidade.

Ruben o pressiona e uma tela se desdobra sem fazer barulho até deixar incomunicável a parte traseira da dianteira. Me viro e observo com espanto sem compreender de onde saiu e meu amigo sorri novamente.

— O carro está segurado contra tudo, mas eu gostaria muito de não ter que usar o seguro, não sei se me entende.

— Tranquilo, não gosto de correr.

— Melhor assim. Lembre-se, nada de acelerações nem freadas bruscas. Você deve dirigir sempre com suavidade, seu estilo de direção deve transmitir confiança e segurança se quiser manter o emprego.

— Eu sei — digo, e esvazio meus pulmões numa tentativa inútil de relaxar.

— Calma, você vai se sair bem. No navegador está gravado o endereço da casa dela no um — diz apontando para a tela —, e o do escritório no dois. Use até memorizar o trajeto. Para qualquer outro lugar é só inserir o endereço como no navegador do seu telefone.

— Tá, mais alguma coisa que eu deva saber?

— Quando chegar na casa dela terá que se identificar para o segurança, ele já tem seus dados.

— O segurança? — pergunto atônita.

— A fortuna de Ursula Monte está calculada em torno de dois bilhões e meio de euros, você acha que essa mulher pode andar sozinha pela rua?

Olho para Ruben com a boca aberta e a garganta seca enquanto espero que ele diga que é uma brincadeira, mas isso não acontece e meu corpo fica tenso.

— Você vai se acostumar e nem vai notar que a segurança dela está lá. Um carro vai seguir vocês sempre e seguranças à paisana a vigiam constantemente, não se preocupe, com essa gente você não corre perigo algum. Pelo contrário, estará mais segura do que nunca sempre que estiver perto dela.

— Está bem — gaguejo enquanto tento calcular em reais essa quantidade de milhões.

— Quando entrar na propriedade dirija pela área asfaltada até a entrada principal. Você verá que há um espaço circular onde poderá dar a volta. Estacione o carro paralelo à casa e espere fora dele, junto à sua porta, até que ela saia.

— Tá. Vou indo, só falta chegar atrasada no primeiro dia.

— Está bem, boa sorte. E lembre-se de aproveitar os momentos livres para limpar o carro, ele deve estar sempre impecável — o escuto dizer quando começo a andar.

A propriedade onde Ursula Monte mora fica em Sant Andreu de Llavaneras, uma cidade litorânea próxima a Mataró — onde tem o escritório — e também a Barcelona, mas longe do barulho da cidade. Talvez alguém com uma fortuna como a dela devesse morar em um condomínio desses tão vigiados que é impossível acessar a menos que você seja morador, no entanto, parece que a mulher optou pela segurança privada.

Quando chego me deparo com um enorme muro de tijolos à vista impressionante e um gigantesco portão metálico corrediço que se esconde atrás de um pequeno acesso para entrar com o carro, onde se encontra uma guarita de segurança ocupada por um homem corpulento que sai ao meu

encontro com uma pasta na mão, um fone no ouvido e um olhar penetrante que tiraria a vontade de roubar de qualquer um.

Abaixo o vidro e o homem, antes de se aproximar de mim, verifica a placa do carro, depois olha a hora em seu relógio e deduzo que a anota na pasta.

— Bom dia — saúda com voz grave e seca —, sua documentação, por favor.

Entrego meu documento de identidade e também os papéis que me credenciam como funcionária da empresa do Ruben.

— Tudo em ordem — diz depois de alguns segundos —. Eu sou Carlos, o vigilante do turno da manhã, prazer em conhecê-la.

— Igualmente, Carlos — respondo surpresa que ele saiba falar —. Eu sou Mildred, embora suponho que você já tenha lido — digo, e me sinto idiota quando ele esboça um sorriso e assente.

Carlos pressiona o botão de um controle que leva no bolso e o portão começa a se deslocar para a direita.

— Siga pelo caminho asfaltado até a casa, não tem erro.

— Obrigada, Carlos.

Assim que cruzo o portão tenho a sensação de estar em outro planeta, o muro exterior é tão alto que não permite ver nem um pedacinho do que há do outro lado. O caminho serpenteia em subida para a direita entre grandes extensões de grama perfeitamente cortada. Os aspersores estão ligados e fico maravilhada observando alguns canteiros que decoram a parte interior. Logo vejo a casa e fico boquiaberta, jamais tinha visto uma casa de luxo tão de perto. O andar superior fica em balanço pela parte da frente, oferecendo uma varanda com piso e paredes de madeira equipada com sofás e uma mesa de exterior. Chego à área circular que Ruben me falou, dou a volta

para deixar o carro virado para a saída e estacionamento de forma paralela em frente à casa.

Desço e fico junto à minha porta enquanto continuo observando tudo que há ao meu redor. De frente me encontro com uma espécie de avenida cujas laterais estão delimitadas com enormes cercas vivas. Desde o início, o piso é de madeira para exteriores e conduz até uma imensa piscina que oferece vista para o mar.

— Meu Deus — digo impressionada, depois olho à esquerda e vejo outro jardim.

Desta vez decorado com pedras que rodeiam um lindo lago tão grande quanto uma piscina do qual brotam vários jatos d'água pelas laterais. No centro vejo uma rampa de meio metro de largura que conduz diretamente ao interior e a curiosidade me domina, porque não compreendo por que está ali. Talvez Ursula seja tão excêntrica que não tem suficiente com a piscina e também nada no lago? Imaginá-la nessa situação me faz arquear as sobrancelhas.

Olho para um lado e para o outro e depois verifico meu relógio, ainda faltam dez minutos para as nove, então decido não resistir mais, caminho até o lago e subo pela rampa lentamente até me situar na borda. Quando posso ver bem, fico ainda mais impressionada, está decorado com pedras, com plantas e inclusive tem uma ponte de pedra que o cruza de uma extremidade a outra.

— Que incrível — sussurro hipnotizada, e então escuto um leve ruído atrás de mim.

Meu coração acelera nesse momento e sinto um calor sufocante. Descarto rapidamente que possa ser Ursula porque é um som arrastado, não de passos. Me viro disposta a voltar ao carro como se nada tivesse acontecido, mas assim que faço isso, vejo um vulto enorme no chão que me

corta o caminho. O sol me cega nesse momento e não tenho tempo de distinguir o que é exatamente, só sei que seu pescoço se estica como um braço em minha direção e levo um susto tão grande que dou um passo para trás. Noto o vazio tarde demais e caio para trás mergulhando por completo sob a água do lago.

Espirro água e grito como se estivesse sendo atacada por um tubarão ou um crocodilo até que toco com uma mão no fundo e me dou conta de que a profundidade é muito pequena, apenas uns quarenta centímetros. Sentada e encharcada, olho para frente e descubro a culpada da minha má sorte, uma enorme tartaruga está situada na borda que antes eu ocupava e me olha como se eu fosse um novo objeto de decoração no que deduzo que seja sua casa. Depois me ignora e se introduz na água até afundar por completo, e a ideia de que se aproxime de mim e me toque debaixo d'água me produz tal arrepio, que dou um pulo, me agarro ao muro e me lanço para o outro lado até cair sobre as pedras decorativas que se cravam nas minhas costas e no bumbum.

Quando limpo a água dos olhos, vejo outra figura diante de mim, só que desta vez não é a maldita tartaruga. Nesta ocasião se trata da imponente Ursula Monte, que me olha com o cenho franzido como se lhe parecesse algo surreal, a mim, no entanto, o coração para e a garganta seca, porque me parece a mulher mais impressionante que vi na minha vida.

CAPÍTULO 5

Ursula

— Posso saber o que você está fazendo? — pergunto ainda atônita com a cena que acabo de presenciar.

A moça me olha do chão como se as palavras estivessem presas em sua garganta. Permanece sentada, com as pernas esticadas enquanto se apoia com as palmas das mãos. A água colou a roupa ao seu corpo. Sua calça preta brilha encharcada em torno de suas pernas e a camisa branca grudou em seu peito, que com a roupa íntima branca permite que seus mamilos fiquem transparentes e me custa desviar o olhar deles. Seu cabelo, de um tom escuro que não consigo definir, permanece preso num rabo perfeito que pinga no chão enquanto as gotas de água continuam escorrendo por seu rosto, me hipnotizando por instantes que se quebram quando Piadora sai do lago e ela reage levantando num pulo como se um jacaré a perseguisse.

— É só uma tartaruga, é inofensiva — digo um pouco ofendida.

— Desculpe, a senhora tem razão, ela é linda — responde atordoada enquanto tenta descolar a camisa do peito.

— Eu não disse que ela é linda — esclareço, e ela volta a me olhar com a boca aberta sem saber o que dizer.

Olho o relógio, são oito e cinquenta e cinco e tenho a reunião às nove e meia. E detesto me atrasar. Ao ver meu gesto ela parece recuperar a

compostura, como se tivesse caído de uma nuvem de repente e soubesse o que precisa fazer.

— Desculpe, me desculpe mesmo. O lago me pareceu tão bonito e não resisti à tentação de me aproximar.

Fala acelerada, quase sem respirar e, embora eu esteja com pressa, a situação começa a me parecer divertida.

— As tentações podem ser nossa perdição — respondo olhando em seus olhos de forma inquisitiva.

Volta a me olhar desconcertada e sua respiração acelera, fazendo seu peito subir e descer chamando a atenção dos meus olhos, que focam de maneira descarada.

— Prometo que não vai acontecer de novo — diz de repente —, mas não me demita, eu imploro.

Agora junta as mãos e me olha transtornada, como se continuar neste emprego fosse uma questão de vida ou morte para ela. A situação me pareceu tão surreal que ainda não pensei nisso. De qualquer forma, também não posso demiti-la agora porque preciso que ela me leve.

— Você tem roupa para trocar?

— Sim, sim — responde novamente acelerada —, a empresa nos obriga a levar duas mudas por precaução — diz, e se olha de cima a baixo com as bochechas vermelhas —. Se me der um minuto me troco aqui mesmo.

A jovem não me dá tempo de responder e se dirige a passos largos até o carro. Abre o porta-malas e pega uma mochila escura com o logo da empresa. Abre e tira uma calça e uma camisa guardadas numa capa.

— Me troco agora mesmo e vamos, é um segundo.

Olho perplexa e caminho até ela quando começa a desabotoar os botões da camisa com tanta pressa que não consegue fazê-lo.

— Espera, o que você está fazendo?

— Me trocando — diz mastigando as vogais para indicar o óbvio.

Volto a olhar o relógio e suspiro resignada.

— Me diz uma coisa, você tem roupa íntima aí? Porque se não tiver não vai adiantar muito trocar a camisa, seu sutiã está encharcado e assim que você colocar a camisa seca vai molhar de novo e eu vou continuar vendo seus mamilos.

— O quê? — pergunta com cara de susto, e crava o olhar em seus seios para em seguida cobri-los com as mãos.

— Estou farta de ver seios — esclareço —, agora me siga, temos mais ou menos o mesmo manequim.

— Mas estou encharcada, vou molhar tudo — protesta paralisada.

Me aproximo dela, talvez demais, porque sua respiração volta a acelerar e eu sinto um ardor na virilha que me faz engolir em seco.

— Me escuta bem, se não sairmos em dez minutos vou me atrasar para a reunião que tenho marcada. E sabe qual é uma das coisas que mais odeio? — pergunto a poucos centímetros de seu rosto.

— Q-qual? — gagueja olhando meus lábios, o que faz com que eu tenha que conter um sorriso de satisfação.

— Atrasos. Não suporto, e te garanto que se chegarmos atrasadas nessa reunião, sua demissão será imediata. Entendeu?

— Sim, alto e claro.

— Bem, pegue a roupa e me siga.

Desta vez obedece e caminha atrás de mim até o interior da casa.

— Aqui tem um banheiro — explico abrindo uma porta do térreo —, no armário você vai encontrar toalhas limpas. Vá tirando a roupa e se secando enquanto busco um conjunto de roupa íntima. Volto já.

— Tudo bem, obrigada.

Deixo ela na porta do banheiro e corro escada acima até chegar ao meu quarto. Abro a gaveta da cômoda onde guardo os conjuntos novos e por algum motivo pego um de renda branca que estava reservando para uma ocasião especial. Desço tão rápido quanto subi e quando chego à porta do banheiro a encontro aberta, e ela completamente nua de costas para mim enquanto seca o rabo com a toalha.

— Deixo isso aqui em cima — anuncio colocando a caixinha sobre o mármore da pia.

Ela se vira sobressaltada e sua nudez me deixa com o coração disparado.

— Obrigada, saio em um minuto, prometo — garante, e eu fecho a porta e saio para a varanda para tomar um ar.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Ursula Monte"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).